

Arte concreta. Sombra, cor e forma cristalina

Seis artistas plásticos concretistas estarão expostos de quinta-feira, 13, a 22 de novembro na Galeria Place des Arts. Geraldo de Barros, Hermelindo Giaminghi, Lothar Charoux, Luiz Sacilotto, Maria Leontina e Maurício Nogueira Lima mostram as suas aventuras no mundo das cores, das sombras, e sobretudo do movimento.

Geraldo de Barros é um publicitário que durante bastante tempo desenvolveu um desenho e uma pintura agressivos e realistas. Mas o impulso do concretismo foi mais forte e hoje ele desenvolve uma arte de formas sólidas e intensas.

Fiaminghi não cria com lápis ou pincel. Suas obras são reticuladas gigantes, cujo "original" é impresso em cores, produzido com um planejamento cuidadoso, parte da câmara escura, parte da máquina de reprodução, através de retículas e de uma superposição dos elementos assim obtidos na prancha de off-set. Segundo o crítico Frederico Moraes, ele revela "forte contágio com a realidade urbana, uma alegria intensa nas cores vibrantes e na força comunicativa dos temas".

Lothar Charoux explora os efeitos da luz atravessando sólidos e planos imaginários. Segundo o crítico Geraldo Ferraz, "o que importa para ele é colocar no espaço a lembrança da estrutura".

Dos seis artistas, Maria Leontina é a mais conhecida do público carioca. Trabalhando quase sempre com analogias, ela compõe, organiza e distribui de forma cristalina um pequeno mundo de brinquedos transplantados para dentro de caixas.

Luiz Sacilotto é um fascinado pela magia do movimento e pela utilização dinâmica de elementos que, em outro contexto, seriam inexpressivos.

Maurício Nogueira Lima é pintor, arquiteto, programador visual e professor universitário. Participou dos movimentos "Novas Tendências", "Propostas 66" e "Novas Objetivas de Brasília". Realizou nos últimos tempos um dos maiores painéis em praça pública do Brasil, na parede cega de 1.300 metros do edifício Capem, perto da Estação do metrô no Largo de São Bento, em São Paulo.

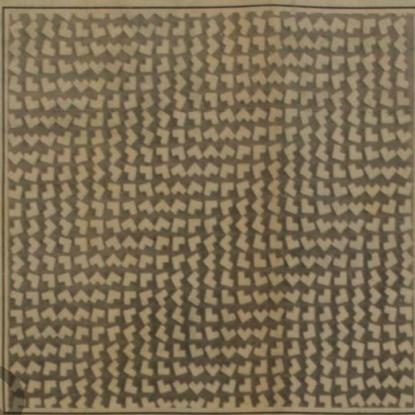
Segundo o crítico Lourival Gomes Machado, "os artistas concretos, através de uma nova linguagem, procuram exprimir ao mesmo tempo o individual, o coletivo, o nacional, o universal. De um lado estão os que buscam pelo controle da criação e controle da comunicação e do outro os que, referindo-se ao humano, se convencem, seja qual for o seu meio de expressão, da comunicabilidade da obra criada".

Ariette Amiel, da Place des Arts, acha que o concretismo, "à primeira vista, parece dispensar a imaginação, mas é justamente o contrário: ele exige muito mais criatividade do que as outras manifestações artísticas".

Maria Leontina, Charoux e Fiaminghi foram alunos do parense Waldemar da Costa (figurativo e geométrico). Trilhando caminhos individuais, eles acabaram se encontrando no concretismo.



Geraldo de Barros: formas sólidas e intensas



Sacilotto: a magia do movimento

GLOBE - TROTTER

ELGIE LESSA

Um par de sapatos azuis

Londres (Via Varig) Foi em Barkston Gardens, quase chegando a Earl's Court, o que já poderia dar a coisa um certo ar de policial, que a zona é ruim. As 5 e pouco de uma tarde feia. A rua era limpa, já coberta de folhas secas em revoadas, que um ventinho enjoadado remexia. A fachada de um dos prédios (a zona é feiosa, o jeito é olhar para cima) já estava com as folhas totalmente vermelhas, de um rubro glorioso. Essas folhas que eu sempre cato no chão, guardo dentro de um livro, penso em mandar dentro de carta a algum amigo para provar que folhas podem ficar dessa cor. Para a seção feminina: uma amiga que morava em Londres, em Hampstead (beijinhos para ela, para o nenê) fez um dia um abajur glorioso, colagem das suas belas mãos, todo em folhas de outono, do amarelo ouro àquele vermelho, ferrugem. Ficou uma beleza. Fechei o parágrafo da seção feminina. Passemos aos fatos diversos, à página policial. Eu desviava o olhar (essa implicância com o feio) das grandes latas pretas de lixo, inevitáveis à porta de alguns prédios. A zona era de árabes, indianos, jamaicanos, terceiro-mundista (ele que me desculpe) e meus amigos ingleses me desaconselharam com veemência de procurar casa por ali. O lugar mais perigoso de Londres, sujeito a ventanias e tempestades, agressões, assaltos, garrafadas, coisas que só com algum esforço se consegue achar nesta ainda pacata cidade. Agarrei-me mais do que de costume à bolsa pesada de livros, que era hora de ir para a aula, e a estação mais perto ainda era esta (desculpe) famigerada Earl's Court.

Quase novo, um jeito faceiro. Assim perdido numa calçada de Barkston Gardens, numa tarde fria. Sequestro, estupro? Haveria alguma mulher descalça correndo por ali? Nesta terra poupada e infacionada, quem e que deixa um par de sapatos novos na calçada? A dona estaria bêbada, drogada, a esta hora, tão cedo? Devia ter deixado há pouco, ninguém apanhara. Logo adiante havia um motel de estudantes, a maioria iranianos, o que me faz apressar o passo diante dele, não venha alguma bomba. Sou curioso, brasileira, jornalista, vivo olhando em roda o mundo, na esperança de entendê-lo. Alguns "policeman" perto, desses altos, bem tratados, cara de boa gente, que tocam no quepe quando se pede uma informação? Não havia. Aqueles sapatos azuis. Vai ver que me comoveram um pouco porque me levaram, tão longe, à adolescência, um dos primeiros que comprei com o meu ordenado. Eram absurdamente azuis como aquele, não combinavam com nenhum outro implemento do meu uniforme de comerciante, poderiam brilhar no máximo no culto de Domingo, no oito e meia às cinco e meia da "Sul América" ou no "camarão" "Avenida" no Largo de S. Francisco. Coisas que não entravam no policial de Earl's Court. Por que ninguém apanhou os sapatos azuis, tão novos, pelo menos 35 libras nas vitrinas de Oxford street? Sapato se esquece na calçada? Se perde na corrida, assim um junto do outro, um deitado outro em pé? Sequestro descalça a vítima primeiro? Assaltante começa pelo pé? Perguntas que não foram respondidas, nota 0 em Sherlock Holmes. Se duvidarem, hoje, uma semana depois, ainda estão lá. Botão, lenço, luva, gorro achados na rua, inglês não apanha, já reparei. Pega, largue direito no primeiro degrau de escada, à espera de que voltem para procurar.

Quando dei com os olhos, um de pezinho, equilibrado sobre o salto altíssimo, o outro deitado, com o par de sapatos azuis. Azul pervinga, azul "natier", um desses azuis.

LIVROS

CARLOS MENEZES

Pe. Brown e suas aventuras policiais de volta para novas gerações de leitores

Nas primeiras décadas deste século, quando os ingleses iam ou ouviam as notícias G.K.C. logo as identificavam com o escritor Gilbert Keith Chesterton, autor de histórias policiais e criador de um dos mais famosos e curiosos detetives de ficção: o Padre Brown. Igual prestígio somente o irlandês Bernard Shaw desfrutava na mesma época na Inglaterra, onde era conhecido simplesmente por B.S.

No Brasil, Chesterton não tem tido sua obra muito divulgada. Alguns de seus contos foram publicados em "A Novela", da Editora Globo e Record publicou *A inocência do Padre Brown* e *A sabedoria do Padre Brown*, e o *Círculo do Livro* lançou *O homem que foi quinta-feira* (Um pesadelo).

Agora, a Francisco Alves propicia às gerações mais recentes de leitores brasileiros a oportunidade de entrar em contato com o célebre ficcionista inglês, pois incluiu uma coletânea de contos seus na Coleção Horas em Suspense, que pela primeira vez se abre para esse gênero. Trata-se de *O segredo do Padre Brown* (*The secret of Father Brown*).

ther Brown, tradução de Luiz Corção 205 páginas, Cr\$ 360. O volume traz quatro dos dez contos que a crítica internacional selecionou como os melhores de Chesterton: "O espelho do magistrado", "O desaparecimento de Vanbrey", "O pior crime do mundo" e "O inconsciente pranteador de Marne".

Considerado por Richard Church, ao lado de *Hilaire Belloc*, como um dos maiores expoentes da literatura inglesa no primeiro quarto do século XX, além de suas histórias policiais, deixou importantes obras biográficas (São Francisco de Assis, São Thomas de Aquino e Charles Dickens), foi jornalista ("Speaker" e "Daily News") e dedicou-se também à poesia, à pintura e ao desenho.

O Padre Brown, o primeiro sacerdote-detetive a figurar em histórias de ficção policial, apareceu em 1911, quando Chesterton publicou *A inocência do Padre Brown*, voltando a aparecer com destaque posteriormente, em *A sabedoria do Padre Brown* (1914). A *incredulidade do Pa-*

dre Brown (1926), *O segredo do Padre Brown* (1927) e *O escândalo do Padre Brown* (1935), pouco antes da morte do escritor.

Para criar a figura do Padre Brown, Chesterton inspirou-se no prior John O'Conner, que "se vingou", converteu o escritor — que era agnóstico — ao catolicismo. Em contrapartida, um outro autor de histórias policiais John Dickson (1906-1977), que se assinava como John Dickson Carr ou Carter Dickson, inspirou-se no próprio Chesterton quando criou o seu famoso detetive Gideon Fell, um homem gordo, de cabeleira desgrenhada, usando um pingente seguro por uma fita negra. Além do Padre Brown, Chesterton criou outros detetives como Horne Fischer, Gabriel Syme, Mr. Pond, Dr. Hyde e Mr. Trail. O Padre Brown é um detetive cerebral com opiniões especialíssimas sobre o crime e os criminosos.

Chesterton nasceu em Kensington, Londres, a 29 de maio de 1872 e morreu em Beaconsfield, a 14 de julho de 1938.

AS MUITO RAPIDAS

• Lançamentos e Autógrafos da semana: em São Paulo, hoje, no Museu da Imagem e do Som, às 17, de *Poemas da noite*, de Miguel Galea. • Amanhã, no Rio, na Quadra Galeria de Arte (Shopping Center da Gávea, 3º andar), de *A falta que ela me faz*, de Fernando Sabino. • Saíndo em Helsinki, pela Ed. Otava, *Incidente em Antares*, de Erico Verissimo. A mesma editora finlandesa já lançou *Os velhos marinheiros*, de Jorge Amado e vai lançar *Casa Grande & Senzala*, de G. Freyre. • Celebramos em Portugal, os 50 anos de publicação de *A selva*, de Ferreira Castro. Por que não também no Brasil já que esse romance é, até agora, a melhor peça de ficção escrita sobre a Amazônia? • *A Soma*, de São Paulo, acaba de editar *Andanças de Macunaima*, do jornalista Hélio Carvalho de Castro. • *A Avenir* vai lançar novo livro de Oscar Niemeyer: *Rio, de província a metrópole*. • *A Paz e Terra* lançará, neste mês, *Diálogo ou confronto?*, de Sérgio Buarque. • Sai em segunda edição, pela *Civilização Brasileira*, o livro *Que país é este? e outros poemas*, de Afonso Romano de Sant'Anna. • Enquanto *O belo da Mulher Aranha* vai se mantendo nas listas de mais vendidos, a *Codex* se prepara para mandar mais dois livros de *Manuel Puig* para as livrarias: *The Buenos Aires affair*, em nova edição, em janeiro, e seu novo livro, *Puig angelical*, em abril do próximo ano.

• A *Record* tem programados, ainda para este ano, 21 novos títulos, entre os quais: *O médico de Stalingrado*, de Heinz Konrad; *O Rio é a luz*, de Taylor Caldwell; *A escolha de Sofia*, de Willian Styron; *A grande travessia*, de Pearl S. Buck; *Leão-de-Chácara*, de João Antonio, em sétima edição; *Al de ti, Copacabana*, de Rubem Braga; e *Cenas Brasileiras*, de Rudyard Kipling, em formato e papel especiais, com fotos da época (1927) em que o autor esteve no Brasil.

• *Coletânea de Autores Brasileiros*, da *Ática*, está saindo *Estórias de crimes e do detetive Waldir Lopes*, do ficcionista goiano W. Bariani Ortêncio, 224 páginas, Cr\$ 280. Comerciantes, industrial, mineiro, mesmo assim, *Waldomiro Bariani Ortêncio* encontra tempo para fazer literatura, já contando com oito livros publicados, desde que se estreou, em 1956, com *O que foi pol serião*. Com este novo livro, volta ele à ficção policial, em que se iniciou, em 1974, com as histórias que reuniu em *Morto sob encomenda*. Sete dos 20 contos agora publicados têm como herói um Poitot goiano, detetive Waldir Lopes, que com técnicas bem à brasileira se empenha numa luta sem tréguas contra o crime e seus seqüezes. Vale registrar que a ficção policial teve outro cultor, em Goiânia: *Atila de Andrade* que teve publicado, em 1974, postumamente, pela *Record*, o romance *Os 13 suspeitos*.

• De *Joaquim Inojosa*, a *Civilização Brasileira* acaba de editar *República de Princesa* (José Pereira x João Pessoa-1930), 344 páginas, Cr\$ 500. *Estudo de Importância histórica pelas revelações que traz à luz sobre os acontecimentos que antecederam à Revolução de 30 e foram, de certa forma, uma das suas causas imediatas, senão a principal*. Inojosa faz não apenas a descrição das lutas no sertão parabaiano, entre José Pereira e João Pessoa, mas também o depoimento pessoal de co-participante indireto, porém atento a tudo o que ia ocorrendo, pela sua condição de genro de João Pessoa, de amigo e conselheiro do líder sertanejo, coordenador dos meios de sustentação da luta visando à derrubada do governador da Paraíba. O volume sai em co-edição com o Instituto Nacional do Livro.

• Com o selo da *Artenova*, chega às livrarias nova edição de *O grito primal*, de Arthur Janov, tradução de Luiz Corção, 427 páginas, Cr\$ 580. O autor apresenta um novo método método revolucionário para o pensamento psicológico que é a Terapia Primal, e por meio de histórias de casos apresenta provas documentadas da eliminação de moléstias de toda uma vida, tanto psicológicas como somáticas. A Terapia Primal é um sistema clínico de terapia de ampla ação que força o paciente a reviver suas mais primitivas experiências, os momentos da mais tenra idade quando ele verificava ser a realidade dolorosa demais para ser suportada e ia buscar refúgio no confortável mas falso mundo da neurose.

ARTES PLÁSTICAS

FREDERICO MORAIS

'A cidade faz', tema do Salão de Belo Horizonte

Convocada pela Prefeitura Municipal de Belo Horizonte, uma comissão de críticos de arte e animadores culturais elaborou, no final do ano passado, um projeto que propunha profundas modificações na estrutura do Salão Nacional de Arte, que ela promove anualmente, no Museu de Arte. Com o título "A cidade faz", a comissão propunha que, para este ano, o Salão considerasse como tema dos trabalhos a própria Belo Horizonte, cidade extremamente problemática. Ao mesmo tempo, sugeria-se uma inversão: a produção popular e espontânea dos cidadãos, geralmente mantida à margem do sistema artístico, seria levada para dentro do Museu, enquanto o artista seria convocado a fazer intervenções estéticas no próprio espaço urbano. No decorrer deste ano, o projeto foi estudado e modificado em alguns pontos, mantendo-se, porém, o núcleo básico das propostas e o tema. Foram acrescentados um concurso para arquitetos e outro de reportagens, realizando-se, simultaneamente, uma exposição mais convencional, mediante a livre inscrição de obras que serão selecionadas e premiadas. Nessa última parte, a participação será de âmbito nacional e o tema não será exclusivamente a capital mineira, mas a cidade, no seu sentido mais amplo e geral.

PRODUÇÃO ESPONTÂNEA

O Salão — o 12º — será inaugurado no dia 12 de dezembro, aniversário da cidade, e terá uma duração de três meses. Terá quatro setores: "Produção espontânea", "Intervenção", "A cidade" e "A cidade no tempo".

Em relação ao primeiro capítulo, o que se quer, é detectar a arte que anda pelas ruas, feita por agentes anônimos, que operam por intuição no fazer cotidiano, sem saber que estão manifestando, de alguma forma, uma arte espontânea. Segundo Bartolomeu Campos de Queiroz, responsável por este capítulo do Salão, "todas as vezes em que o homem trabalha, movido pelo afeto e necessidade de se comunicar, esse fazer se aproxima bastante e, algumas vezes, até se confunde com os conceitos artísticos". O que se quer é documentar e, se possível, levar para o Salão a produção do "homem-arquiteto, que compra uma casa do BNH e modifica sua planta básica, o homem-engenheiro, que constrói pontes, o homem-amoroso, que escreve poesias nas notas de dinheiro ou nas árvores do Parque Municipal, o homem-torcedor, que cria bandeiras, desenha carros e improvisa cantos no Mineirão, e outros vários homens que estão espalhados pela cidade, renovando a cada momento o seu espaço". Essa documentação, a ser apresentada no Salão, está sendo feita através de fotografias, audiovisuais, slides, filmes, gravações em fitas cassete e consultas em arquivos de jornais e televisão. Em seguida, pretende-se levar até o museu, alguns desses criadores espontâneos, em cujo espaço, durante a exposição, poderão atuar.

DESARRUMAR O COTIDIANO

A pintora Marina Nazareth vai se responsabilizar pelo capítulo

"Intervenção". Trata-se de uma produção desenvolvida no âmbito da cidade e visando a participação do público como forma de desarrumar a rotina e a estética. "A função da arte é ensinar a ver. Assim, se um artista cria uma situação diferente em pleno centro da cidade, as pessoas começam a atentar para o que foi mostrado, começam a se situar no espaço, que é o seu, tomando consciência de seus problemas". As intervenções de artistas na cidade serão documentadas através de fotografias, em seguida apresentadas no Museu de Arte. Os artistas interessados em participar do Salão, com intervenções na cidade, deverão encaminhar ao Museu de Arte da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte suas propostas contendo todos os dados necessários à sua realização. Cada proposta selecionada receberá um prêmio em dinheiro. Os custos do projeto, entretanto, correrão por conta dos artistas.

Cr\$380 MIL EM PRÊMIOS

O terceiro capítulo, "A Cidade", vai reunir obras de artes plásticas, de qualquer categoria — pintura, desenho, escultura, gravura, fotografia etc. — tendo por tema a problemática urbana, a trama da grande cidade. Cada artista interessado poderá inscrever até cinco trabalhos, enviando-os diretamente para o Museu de Arte, que fica na Pampulha, até o dia 28 do corrente mês. Para essa exposição, o Museu de Arte fará convites, até um limite de 15, a artistas de Belo Horizonte e outras capitais do país, que, livres de seleção, concorrerão, com os demais inscritos, a prêmios regulam-

mentares. Se para Intervenção serão destinados Cr\$ 300 mil, os participantes dessa mostra concorrerão ao prêmio "Prefeitura de Belo Horizonte", no valor de Cr\$ 80 mil, e a prêmios aquisitivos no valor total de Cr\$ 500 mil.

O prêmio de arquitetura, no valor de Cr\$ 100 mil, será restrito aos arquitetos filiados ao Instituto de Arquitetos do Brasil, seção mineira. E terá um júri próprio.

CABARE MONTANHÊS

O quarto e último capítulo do Salão será a mostra "A cidade no tempo", que vai reunir fragmentos da história de Belo Horizonte. Através de fotografias, serão mostrados desde mulheres conduzindo bondes ou oferecendo um chá ao poeta Olavo Bilac, até projetos urbanísticos e documentos históricos. Haverá também um ambiente completo, o quarto da famosa Madame Olímpia, que ficava no próprio Cabaré Montanhês, que ela fundou e dirigiu. De origem espanhola, filha de artistas e cantora, Olímpia Vasquez Garcia morreu em 1973, mas já em 1970 havia doado seu quarto, de nove peças, para o Museu Histórico de Belo Horizonte, de onde será transferido para o museu da Pampulha, de dezembro a fevereiro.

Como se vê, o projeto do Salão é otime. Resta esperar que tudo funcione conforme o previsto, e que os artistas de todo o país compareçam com seus trabalhos (afinal, o total de prêmios soma Cr\$ 880 mil), e que sua realização contribua para ajudar na reformulação da estrutura, já um tanto gasta, dos salões de arte, mas ainda insubstituível.

Uma certa aura metafísica e o emprego de soluções plásticas, que parecem oriundas da cenografia teatral e barroca, têm sido mais ou menos constantes na obra de Gastão Manoel Henrique. Para ambos os casos tem servido a madeira, o material que mais frequentemente emprega — atmosfera metafísica ou religiosa é mais presente em seus primeiros relevos, como bem notou, em apresentação, Clarice Lispector, enquanto o caráter cenográfico de sua obra acentua-se, sobretudo, depois de sua permanência de alguns anos em Brasília.

Da simplificação espacial de suas "patroas esculturais" de Brasília, Gastão chegou, mais recentemente, à manipulação de recursos tais como o trompe-l'oeil maneirista

ou barroco. Mas Gastão é, igualmente, um esplêndido desenhista, como pode ser constatado em sua última exposição carioca, realizada na Escola de Artes Visuais. No aparente desleixo ou incompletude dos desenhos Gastão fez uma enérgica crítica ao poder, mostrando sua corrosão e violência. No cenário do poder, queques, medalhas, a deformação anatômica, enfim, tudo o ritual e vestimenta do poder.

Nos relevos que neste momento está apresentando na galeria de arte do Centro Cultural Cândido Mendes, estas constantes de sua arte reaparecem. Nos relevos de madeira pintada, que ele reúne ou superpõe dentro de "caixas", e que são como que alusões ao palco teatral, temos uma transposição do campo gráfico, que é bidimensional, para o

campo escultórico, que é tridimensional. Essas figuras recortadas e coloridas de Gastão lembram atores de uma ópera bula ou da "comédia dell'arte". São clowns, mascarados, figuras patéticas ou alegres, cujos rostos parecem se metamorfosear todo o tempo. Permanece o jogo do poder. O impacto visual dessas caixas negras subitamente "iluminadas" pela presença colorida desses relevos-atores é bastante grande, devendo ser notado, ainda a unidade visual de toda a exposição. Gastão Manoel é um perfeccionista no manuseio de seus recursos técnicos e expressivos, e sem fazer concessões a um gosto fácil, sabe criar impactos visuais, os quais, por sua vez, não escamoteiam o controle intelectual de sua obra. Uma exposição para ser vista.